

TRÊS POETAS QUE ANUNCIAM A POESIA DO SÉCULO XX

Elisa Campos de Quadros*

Afirmar que o início do século XX se estabeleceu no epicentro de uma violenta crise estética talvez não seja novidade. Os sinais dessa crise multiplicaram-se de tal forma que quase se pode dizer que a norma estética de então se estabelece enquanto crise crônica dos instrumentos de representação artística, de valores e das formas de expressão.

No plano genérico das artes, os índices que, normalmente, revelam essa crise apresentam-se sob a forma de questionamento da própria arte, desmembramento dos códigos de comunicação, sobreposição de formas de expressão tradicionalmente presas a diferentes artes, assalto as normas culturais não consideradas estéticas e assunção criadora da tradição.

Na circunscrição literária, essas mudanças envolveram também, é claro, mudanças radicais na poesia e arrastaram consigo alterações nos conceitos da teoria poética e da crítica. Sobre isso, diz Hugo Friedrich:

"Até o século XIX e, em parte, até depois, a poesia achava-se no âmbito de ressonâncias da sociedade, era esperada como um quadro idealizante de assunto ou de situações costumeiras, como conforto salutar também na representação do demoníaco, em que a própria lírica, embora

*Universidade Federal do Paraná

distinta como gênero de outros gêneros, não foi, de forma alguma, colocada acima deles. Em seguida, porém, a poesia veio a colocar-se em oposição a uma sociedade preocupada com a segurança econômica da vida, tornou-se o lamento pela decifração científica do universo e pela generalizada ausência de poesia; derivou daí uma aguda ruptura com a tradição; a originalidade poética justificou-se, recorrendo à normalidade do poeta; a poesia apresentou-se como a linguagem de um sofrimento que gira em torno de si mesmo, que não mais aspira à salvação alguma, mas sim à palavra rica de matizes; a lírica foi, de ora em diante, definida como o fenômeno mais puro e sublime da poesia que, por sua vez, colocou-se em oposição à literatura restante e arrogou-se a liberdade de dizer sem limites e sem consideração tudo aquilo que lhe sugeria uma fantasia imperiosa, uma intimidade estendida ao inconsciente e ao jogo com uma transcendência vazia. Esta transformação espelha-se muito exatamente nas categorias com as quais poetas e críticos falam a lírica.”¹

Entre os fundadores dessa nova poesia, que inaugurou o século XX, queremos considerar três nomes: Paul Valéry, T. S. Eliot e Manuel Bandeira. Apesar de serem fruto de culturas e vivências muito diferentes e de terem obras com significativas distâncias, não estão tão dissociados entre si como se pode num primeiro momento pensar, porque eles estão entre aqueles que constituem o repertório poético que fundamenta a poesia moderna no âmbito francês, anglo-americano e brasileiro.

José Guilherme Merquior coloca Eliot, Valéry e Bandeira, entre outros, como “os maiores e mais significativos protagonistas da arte moderna, pois criaram e influíram contra a ‘kitschização’; mantiveram a invenção artística obediente aos padrões de exigência intelectual e de depuração sensível”.²

Entre esses poetas e a poesia que instala o modernismo, encontramos elementos em comum que não são explicáveis como simples influxos. Sem dúvida os três são herdeiros de fenômenos estéticos que começam a surgir na literatura francesa da segunda metade do século XIX, com Baudelaire, Mallarmé, Laforgue, Corbière e outros. Mas todos eles, e cada um a sua maneira, romperam com uma velha rotina perceptiva, desintegraram a tradição redimensionando-a e revelaram novas, insuspeitadas e flexíveis formas de liberdade criadora. A extrema diversidade de suas obras se junta

1 FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura de lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978, p. 20.

2 MERQUIOR, José Guilherme. *Formalismo e tradição moderna*. São Paulo: Forense/EDUSP, 1974. p. 42.

à variedade de modelos oferecidos por esses artistas, permitindo conceber uma poesia inovadora, de qualidade admirável.

Neste artigo, procuraremos, apenas, estabelecer certas aproximações, no mínimo curiosas, entre esses autores e suas obras. Um aprofundamento da análise, porém, revela a possibilidade de relativizar o teor das etiquetas com que se costuma rotulá-los, mostrando a postura de cada um em face da poesia e as especulações que fazem sobre o que ela seja, qual a função que desempenha e, sobretudo, qual a razão de escrevê-la. Mas, um dos aspectos mais interessantes deste aprofundamento resulta de observar em que medida os autores estudados incorporam e formam a tradição literária. Material para outro artigo!

EM BUSCA DE OUTRO "ITINERÁRIO"

Passando ao largo de uma discussão minudente das individualidades poéticas de cada autor, podemos, de início, afirmar que a produção desses poetas de caráter vanguardista é a resposta poética a um determinado momento histórico que lhes foi comum.

Paul Valéry³ nasceu em 1871 e morreu em 1945. Sua obra se funda em dois núcleos: como pensador e escritor em prosa, estuda as condições gerais de todo o pensamento; como poeta, deseja construir uma poesia liberta de todos os elementos "não-poéticos" e que foi designada como "poesia pura".

Em Valéry, a poesia apresenta-se como um espaço de discernimento do próprio fazer poético. A poesia é escrita a partir de uma "consciência teórica" dos seus instrumentos, ou dos seus meios, sobre um referencial privilegiado: a tradição literária. A expressão deriva do intenso desejo de autoconhecimento e aprofundamento no mistério da criação poética. É a busca de um signo mais elaborado e de uma arquitetura mais perfeita, uma "festa do intelecto".

O mesmo encaminhamento está na crítica de Valéry que tem como finalidade menos a análise da obra do que a descoberta da consciência individual e dos sentimentos existenciais do poeta que presidiram a feitura do seu trabalho.

³ As informações sobre Paul Valéry se fundamentam sobretudo em Paul Valéry. *Oeuvres I e II*. Édition établi et annotée par Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1960.

T. S. Eliot⁴ nasceu em 1888 e morreu em 1965. Em 1915, publicou o seu primeiro poema: "The love song of John Alfred Prufrock". Já então se revela a áspera sátira à civilização moderna que permeia toda sua obra. Essa tendência, baseada na redescoberta da poesia satírica dos "metaphysical poets" e de Dryden, chegou ao auge no grande poema "The waste land", que o tornou famoso, inspirando muitos poetas das novas gerações. A poesia de Eliot reúne de maneira original o pensamento e a musicalidade, fazendo o intelecto dançar entre as palavras e estabelecendo equilíbrio com as imagens. Lacônico, elíptico e imaginativo, registra o choque entre a versão literária da decadência e o progresso material, num jogo de simulações e dissimulações singularmente construído. Fez uso, em escala sem precedentes, da referência e da citação, criando uma arte combinatória, constituída de fragmentos justapostos.

Como crítico literário, suas idéias se aproximaram em muitos aspectos das de Valéry. Criou uma teoria poética de um racionalismo incisivo, uma "crítica de oficina". O que representa o seu esforço pela objetividade e que coloca sob o foco crítico a poesia e não o poeta.

Manuel Bandeira⁵ nasceu em 1886 e morreu em 1968. Estreou na literatura com "A cinza das horas", em 1917. Iniciou como parnasiano crepuscular e simbolista. Mas desde 1912 já praticava o verso livre e paulatinamente ingressava num contínuo processo de renovação de linguagem e de liberdade estética. Foi, sem dúvida, um poeta exigente na sua arte e um profundo conhecedor da expressão poética, como se pode perceber pela preocupação técnica e artesanal de sua poesia. É o poeta da ternura humilde e ao mesmo tempo ardente, do amor à vida e à morte, das pequenas coisas de todo dia, que sabe humanizar os objetos mais prosaicos. Tira poemas de notícias de jornal, de frases cotidianas e traduz com esse material as dores do mundo, mas evitando os escolhos da sentimentalidade e do pieguismo. Perseguindo uma arte depurada, exigente e de uma constante pesquisa do "métier", sua poesia tem um tom seco e por vezes um "humor que ostenta a rara qualidade de ser ao mesmo tempo trágico". Essa marca inconfundível de sua obra caracteriza-a, ao mesmo tempo, como intimista e

4 As informações sobre T.S. Eliot se fundamentam sobretudo em *A essência da poesia*. Introdução de Affonso Romano de Santana. Trad. Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Artenova, 1972. Poesia. Trad. Ivam Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. T.S. Eliot. *The complete poems and plays of T.S. Eliot*. London: Faber & Faber, 1969.

5 As informações sobre Manuel Bandeira se fundamentam sobretudo em Manuel Bandeira. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

social, erudita e popular, requintada e simples, pitoresca e séria, leve e profunda.

Junto à obra poética de Manuel Bandeira, estão os textos em prosa, dos quais faz parte o seu "Itinerário de Pasárgada", uma reconstrução muito lúcida do seu percurso literário. Lucidez também não lhe faltou na crítica que fez a outros escritores. Apresentados os poetas, é possível estabelecer algumas relações entre eles, que não serão focalizadas em termos de influências ou de parentescos:

1. Os três poetas nasceram em datas bastantes próximas: Valéry em 1871, Eliot em 1888 e Bandeira em 1886.

2. Eliot e Bandeira publicaram suas primeiras obras na segunda década do século XX. Valéry, mais velho, já tinha publicado esporadicamente alguns poemas antes da virada do século, porém, passa praticamente 20 anos sem publicar mais versos, até que, em 1917, publica "La jeune parque", poema decisivo para sua continuidade de poeta e para sua fama.

3. Esses autores foram, todos eles, poetas, críticos de poesia e de si mesmos.⁶

4. No "Itinerário de Pasárgada", Bandeira cita algumas vezes o nome de Valéry. Quase sempre para se contrapor, com humildade, à grandeza do poeta francês. Observemos:

Tomei consciência de minhas limitações. Instruído pelos fracassos, aprendi que jamais poderia construir um poema à maneira de Valéry. Em "Memoires d'un poème" (Variété V), confiou-nos o grande poeta que a primeira condição que ele se impunha no trabalho de criação era: "le plus de conscience possible"; todo o seu desejo era: "Essayer de retrouver avec volonté de conscience quelques résultats analogues (entre cent mille coups quelconques) le hasard mental". Anteriormente chegara ele a dizer que preferia: "Avoir composé une oeuvre médiocre en toute lucidité q'un chef d'oeuvre à éclairs, dans un état de transe."⁷

Os dois poetas radicalizaram posturas que não descrevem, na verdade, a construção de suas poesias.

Em outro momento, Bandeira invoca o nome de Valéry:

6 Os três também foram professores.

7 BANDEIRA, Manuel. "Itinerário de Pasárgada". In: *Poesia completa e prosa*. p. 39.

No meu embaraço apelei para Valéry; pensara nele (e o seu exemplo muito influíra em minha decisão) quando fui convidado a me inscrever candidato; pensei nele, novamente, ao ter de compor o meu discurso de posse, imaginando que no seu aprenderia o tom, o ritmo conveniente. Li-o e me senti, ai de mim, na maior depressão moral. Me senti como que desamparado. "Que je suis piétre et sans génie!" disse comigo mesmo, repetindo o verso de Laforgue, alterado por mim especialmente para me servir de desabafo em ocasiões como essa.⁸

O trecho transcrito se refere à candidatura de Manuel Bandeira à Academia Brasileira de Letras. Quando Valéry, já consagrado nacionalmente, entra para a Academia Francesa, no seu discurso ao patrono de sua cadeira, Anatole France, o acadêmico estreante faz-lhe um anátema.

Outra evocação de Valéry, no "Itinerário".

Há versos que nem quebrando a cabeça semanas a fio consigo traduzir. Não se trata de poesia intraduzível por sua própria natureza, como a de Mallarmé ou a de Valéry, em que a emoção poética está rigorosamente condicionada às palavras (e foi, creio, nesse sentido que Mallarmé disse a Degas que a poesia se faz com palavras e não com sentimentos), mas de poesia traduzível até em prosa.⁹

Nos parece evidente a consciência poética de Manuel Bandeira, pelo menos como teórico, neste momento.

Em artigo sobre Stéphane Mallarmé, incluído no livro *Bandeira, seleta em prosa e verso*, novamente surge o nome de Valéry:

Para Mallarmé, como para todo verdadeiro poeta, a poesia se confunde com a linguagem, e, como explicou Valéry, é linguagem nascente.¹⁰

O comentário aqui já é de natureza mais profunda, busca estabelecer o princípio fundador da poesia.

8 BANDEIRA, Manuel. "Itinerário de Pasárgada". In: *Poesia completa e prosa*. p. 88.

9 *Ibid.*, p. 93.

10 BANDEIRA, Manuel. *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio/INL, 1971. p. 39.

Outro artigo, "Anatomia do poema", traz mais uma vez a figura de Valéry:

Valéry não disse que não existe verdadeiro sentido de um texto? Não vale a autoridade do autor: "Quoi qu'il ait voulu dire, il a écrit ce qu'il a écrit."¹¹

Embora negando a possibilidade de se igualar a Valéry, percebe-se nessas chamadas ao autor francês mais do que simples citação. Percebe-se que ele serve de endosso ao próprio pensamento bandeiriano.

5. Eliot é citado por Bandeira no "Itinerário" em referência à "Balada das três mulheres do sabonete araxá":

O poema foi escrito em Teresópolis, depois de eu ver numa venda o cartaz do sabonete. É, claro, uma brincadeira, mas em que como no caso do anúncio "Rondó de efeito" (*Mafuá do Malungo*), pus ironicamente muito de mim mesmo. O trabalho de composição está em eu ter adequado às circunstâncias de minha vida fragmentos de poetas queridos decorados em minha adolescência - Bilac, Castro Alves, Luís Delfino, Eugênio de Castro, Oscar Wilde. Fiz de brincadeira o que Eliot faz a sério, incorporando aos seus poemas (e convertendo-os imediatamente em substância eliotiana) versos de Dante, de Baudelaire, de Spencer, de Shakespeare, etc.¹²

A explicação de Manuel Bandeira permite avaliar a profundidade com que ele conhecia a "substância" da poesia eliotiana.

6. Certos versos de Bandeira lembram facilmente versos de Eliot:

Bandeira - Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.¹³

Eliot - Com fragmentos tais foi que escorei minhas ruínas.¹⁴

Bandeira - A vida inteira que poderia ter sido e que não foi.¹⁵

Eliot - O tempo passado e o tempo futuro,
O que poderia ter sido e o que não foi.¹⁶

11 BANDEIRA, Manuel. "Anatomia de um poema". p. 21.

Ibid., "Itinerário de Pasárgada". In: *Poesia Completa e prosa*.

13 *Ibid.*, "Terra desolada". In: *Poesia completa e prosa*. p. 105.

14 *Ibid.*, "O martelo". In: *Poesia completa e prosa*. p. 248.

15 *Ibid.*, "Antologia". p. 337.

16 *Ibid.*, "Burnt Norton". In: *Poesia*. p. 200.

7. A autodenominação de poeta menor que "soluça transido de frio no perau profundo e solitário, sem glória e sem fé", nos remete a uma apropriação e humilde deslocamento da noção de "poesia menor" em Eliot. Em 1934, Eliot publica *Minor Poems* e, em 1944, faz uma conferência na Associação de Livreiros de Swansea e West Wales, sobre "Poesia menor".

Bandeira - Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!¹⁷

Eliot - (...) porque uma das associações ligadas ao termo "poesia menor" significa que esta seja o tipo de poesia que apenas se lê em antologia.¹⁸

8. Interessante também tomar a idéia de provinciano nos dois poetas:

Bandeira - E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província.¹⁹

É claro que a referência é extremamente ambígua, aparentemente o poeta se refere a sua obra *Crônicas da Província do Brasil*. Em "Andorinha, Andorinha", há uma crônica cujo título é: "Sou provinciano" e que assim inicia: - "Sou provinciano. Com os provincianos me sinto bem."²⁰

Eliot - Em resumo, sem a utilização constante da medida clássica, que devemos a Virgílio, mais do que qualquer outro poeta, tentemos a tornar nos provincianos.²¹

9. Um tema caro a Eliot e Bandeira é o que evidencia a inferioridade do presente em relação ao passado.

Bandeira - Só o passado verdadeiramente nos pertence.
O presente... O presente não existe:
Le moment ou je parle est déjà loin de moi.²²

Eliot - O que poderia ter sido é uma abstração
Que permanece, perpétua possibilidade.²³

O passado enquanto dimensão em que todas as possibilidades ficam latentes também é recorrente em Bandeira:

17 BANDEIRA, Manuel. "Testamento". In: *Poesia completa e prosa*. p. 262.

18 ELIOT, T.S. *A essência da poesia*. p. 63.

19 BANDEIRA, Manuel. "Auto retrato". In: *Poesia completa e prosa*. p. 394.

20 "Sou provinciano". In: *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1966, p. 4.

21 ELIOT, T.S. *A essência da poesia*. p. 80.

22 BANDEIRA, Manuel. "Passado, presente, Futuro". In: *Poesia completa e prosa*. Op. Cit., 327.

23 Ibid., "Bumt Norton". In: *Poesia completa e Prosa*. p. 199.

Não tive um filho de meu
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.²⁴

(...) Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive²⁵

10. Também em Bandeira ressoam certos versos de Valéry:

Bandeira - O que não tenho e desejo
É o que melhor me enriquece.²⁶

Valéry - São minhas impossibilidades que me excitam.²⁷

11. Valéry e Bandeira tiveram grande admiração por Leonardo Da Vinci. Valéry escreve, em 1895, "Introduction à la méthode de Leonardo da Vinci". Bandeira, no "Itinerário", afirma: "Lembro-me de minha meninice em que me quedava maravilhado diante de certos desenhos de grandes mestres do Renascimento, especialmente Leonardo".²⁸

O gosto pela construção pictórica é destacável na obra desses dois autores. "Maçã", de Bandeira, é um belo exemplo.

12. Na imagem de Valéry, da serpente que morde a própria cauda está contida a fórmula do "eu quero conter o que me contém" e que em Bandeira se apresenta como "o desejo de possuir o que me possui".

13. Referindo-se a *As sinfonias*, de Raimundo Correia, Manuel Bandeira diz que são um livro impuro. A observação nos remete para a idéia de "poesie pure" em Valéry.

14. Valéry, como Bandeira, fez poesia de circunstância, conseguindo dar um estatuto significativo a essa forma de poesia de caráter aparentemente passageiro.

15. A música foi o exemplo recorrente de efeitos sugestivos tanto para Valéry, como para Eliot e Bandeira. Só a música permite a diluição dos contornos objetivos, possibilitando estabelecer o vínculo que aproxima a

24 BANDEIRA, Manuel. "Testamento". In: *Poesia completa e prosa. Op. Cit.*, p. 261.

25 *Ibid.*, "Vou-me embora para Pasárgada". p. 222.

26 *Ibid.*, "Testamento". p. 261.

27 CAMPOS, Augusto de. *Paul Valéry: a serpente e o pensar* São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 82.

28 BANDEIRA, Manuel. "Itinerário de Pasárgada". In: *Poesia completa e prosa*. p. 47.

sensação, a percepção e a expressão. Diz Poe, "a indefinição é o elemento da verdadeira música".

Bandeira e Valéry foram grandes admiradores desses contornos diluídos da música de Debussy.

16. A ironia, que junta o terno e o patético, é também constante da obra dos três poetas. Todos fizeram uso da paródia, da caricatura, da derrisão, do joco-sério, do sarcasmo, das mudanças de tom.

O riso e a ironia são o triunfo sobre a fatalidade. Em "Menipo", diz Valéry:

Em seu lábio cansado um sorriso luzia.
E era o sorriso eterno e sutil da ironia
Que triunfara da vida e triunfava da morte.²⁹

Em Manuel Bandeira, a ironia é habitual, freqüentadora, basta lembrar "Pneumotórax". A ironia funciona como elemento que propicia uma desfocagem da emoção.

Este curioso levantamento que fizemos poderia, em muito, ser ampliado e aprofundado. Poderíamos, por exemplo, mostrar como cada autor apresenta a temática da morte, ou ainda como o corpo é assumido poeticamente, ou ainda como a queixa se manifesta na construção poética. Tarefa para o leitor!

RESUMO

O artigo tem como finalidade mostrar ressonâncias imagéticas e temáticas em três poetas - Paul Valéry, T. S. Eliot e Manuel Bandeira. Escritores que, tendo vivenciado o mesmo importante momento de transformações estéticas, configuram o sentir poético de sua geração.

29 BANDEIRA, Manuel. "Menipo". In: *Poesia completa e prosa*. p. 172.

SUMARY

This article intends to show the imagistic and thematic resonances in Paul Valéry, T. S. Eliot and Manuel Bandeira, three poets who have experienced the same crucial moment of aesthetic transformations and who, therefore, prefigure the poetic vision of their generation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.
- _____. *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1971.
- _____. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1966.
- BARBOSA, João Alexandre. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BOCAGE. *Antologia Poética*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CAMPOS, Augusto. *Paul Valéry: a serpente e o pensar*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ELIOT, T. S. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1972.
- _____. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FAUSTINO, Mario. *Poesia Experiência*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. S. Paulo: Duas Cidades, 1978.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1975.
- _____. *Mimesis e modernidade: Formas das sombras*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980.
- LAFORGWE, Jules. *Litanias da Lua*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- LOPEZ, Telê. Porto Ancora (org.) *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1987.
- MERQUIOR, José Guilherme. *O fantasma romântico e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *Formalismo e tradição moderna: o problema da arte na crise da cultura*. Rio de Janeiro: Forense/EDUSP, 1974.
- _____. *A astúcia da mimese*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1972.
- MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia e realidade*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- POUND, Erza. *A arte da poesia*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.
- REVISTA DE LETRAS, Universidade Estadual Paulista/UNESP, v. 28, 1988.
- SCHWARZ, Roberto. (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- SOIFER, Miguelina. *La expression místico-poética: Valéry y San Juan de La Cruz*. Curitiba: Ed. Univ. Fed. do Paraná, 1983.
- VALÉRY, Paul. *Oeuvres I e II*. Paris: Gallimard, 1960.
- WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- WILSON, Edmund. *O castelo de Axel*. São Paulo: Cultrix, 1987.